

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

SOPHIA TAGLIAFERRI DE CASTRO SABINO

**LUIZ GAMA, VLADIMIR HERZOG E ZUMBI DOS PALMARES: UM CURSO
DE GEOGRAFIA SOBRE OS TRÊS MONUMENTOS NO CENTRO DE SÃO
PAULO**

Trabalho de Graduação Individual

São Paulo

2024

SOPHIA TAGLIAFERRI DE CASTRO SABINO

**LUIZ GAMA, VLADIMIR HERZOG E ZUMBI DOS PALMARES: UM CURSO
DE GEOGRAFIA SOBRE OS TRÊS MONUMENTOS NO CENTRO DE SÃO
PAULO**

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientadora: Profª Drª Simone Scifoni

Trabalho de Graduação Individual

São Paulo

2024

Dedico este trabalho a todos, todas e todes os professores de Geografia que amam a Geografia e que acreditam na transformação da sociedade.

Agradecimentos

A primeira professora que gostaria de agradecer sem dúvida é minha orientadora Simone Scifoni, que desde a matéria de Geografia Urbana, passando pela iniciação científica e agora no TGI me ensinou muito sobre Geografia, cidade, patrimônio, memória e tantas outras coisas. E o mais importante: me fez acreditar que era possível se formar nessa graduação.

A segunda professora que eu gostaria de agradecer é a professora Valéria de Marcos, que por mais que seja da Geografia Agrária, também foi, por causa de suas brilhantes aulas, um dos motivos pelos quais eu insistisse tanto na Geografia nesses últimos anos. A terceira professora que eu gostaria de agradecer é a professora Rita de Cassia Ariza da Cruz, que me fez perceber também que cabia muito senso de humor no saber geográfico.

Gostaria de agradecer também todas as trocas que tive no Cursinho Popular do Emancipa Monte Kemel com os alunos e com os educadores que me fizeram ter ainda mais vontade de fazer este trabalho e me mostraram a força que uma educação libertária pode ter nas vidas de todas as pessoas envolvidas. Também gostaria de agradecer ao Guia Negro, iniciativa incrível que me ensinou muito sobre a memória negra da cidade de São Paulo e que realiza caminhadas excepcionais pela nossa cidade e por outras tantas espalhadas pelo Brasil.

Não poderia deixar de citar os meus companheiros das minhas duas bandas que sempre me apoiaram muito na graduação. Minha querida amiga Francesca que está comigo na graduação e nas turnês também. E é óbvio minha família querida: Jeanne, Fabio, Vicente e Magda.

Não poderia deixar de agradecer também Henrique Delboni, geógrafo e professor de Geografia que pelo seu amor ao conhecimento me fez acreditar ainda mais no saber geográfico. Por fim, e talvez mais importante, gostaria de agradecer imensamente a ajuda, o apoio e o amor da minha namorada Dora Vinci que esteve comigo durante todo o processo deste trabalho que não foi nada fácil pra mim.

Resumo

O presente trabalho aborda os monumentos a Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares tendo em vista a elaboração de um curso de Geografia sobre eles para o Ensino Médio na cidade de São Paulo. O trabalho analisa a Base Nacional Comum Curricular de 2018 numa perspectiva crítica, depois apresenta rapidamente quais são os monumentos da cidade de São Paulo, e logo após discute a relevância das figuras já citadas. Por fim, há uma sequência didática que organiza o que foi debatido nos capítulos anteriores na forma do curso propriamente dita.

Palavras-chave: Monumentos; São Paulo; Geografia urbana; Educação.

Abstract

This work addresses the monuments to Luiz Gama, Vladimir Herzog and Zumbi dos Palmares with a view to developing a Geography course on them for high school in the city of São Paulo. The work analyzes the 2018 National Common Curricular Base from a critical perspective, then quickly presents the monuments in the city of São Paulo, and then discusses the relevance of the figures already mentioned. Finally, there is a didactic sequence that organizes what was discussed in the previous chapters into the form of the course itself.

Keywords: Monuments; São Paulo; Urban geography; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. UMA BREVE ANÁLISE CRÍTICA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (2018).....	8
2.1 A área de ciências humanas e sociais aplicadas no Ensino Médio.....	11
3. MONUMENTOS NA ESCOLA.....	13
3.1 Monumentos na cidade – uma discussão atual.....	14
3.2 Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares.....	16
3.3 Os paralelos possíveis com a BNCC.....	28
4. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	38
4.1 Preparação para o tema (Aula 1 a Aula 8).....	39
4.2 Trabalho de Campo (Aula 9 a Aula 11).....	43
4.3 Sistematização dos conteúdos (Aula 12 a Aula 15).....	44
4.4 Organização em Tabela das aulas.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Desde o início deste trabalho três perguntas foram o fio condutor da pesquisa: “Como trabalhar as estátuas na cidade?”, “Como tornar a estátua mais visível para as pessoas?” e “Que temas as estátuas: Luiz Gama; Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares suscitam?”. Ao me deparar com uma imensa possibilidade de respostas a estas perguntas, pude vislumbrar a educação como uma forma de responder as duas primeiras. Assim, depois de ter feito a pesquisa de iniciação científica “Monumentos paulistanos: a disputa pela narrativa histórica no espaço público”, já vinha tomando certo conhecimento sobre as estátuas citadas e ao atual debate das representações presentes na cidade de São Paulo.

Dessa forma, as reflexões presentes nesse trabalho são mais em direção a de que forma podemos tratar essas discussões na escola e quais discussões estão atreladas a pesquisa anterior no campo geográfico. Para isso é indispensável o tempo todo relacionar os conhecimentos citados com o que a Geografia passa hoje enquanto disciplina do Ensino Médio.

Isso posto, a organização deste trabalho se dá em três partes: a primeira parte é uma breve análise crítica da Base Nacional Comum Curricular (2018), documento que define as diretrizes do que deve ser passado na escola. Conhecer a BNCC é uma tarefa que serve tanto para entender a estrutura do documento, que elenca categorias, competências e habilidades a serem adquiridas pelos alunos, mas também que demonstra nas entrelinhas seu viés ideológico e a disputa presente na educação brasileira sobre o que se deve ser tratado na escola. Nesta parte fiz uma rápida contextualização do que estava acontecendo no período e ainda investiguei sucintamente o enfraquecimento das ciências humanas na nova base comum curricular.

Na segunda parte há uma retomada da minha pesquisa de iniciação científica “Monumentos Paulistanos: a disputa pela narrativa histórica no espaço público” realizada de Outubro de 2021 a Outubro de 2022, em que meu objetivo foi num primeiro momento debruçar novamente sobre o tema dos monumentos no espaço público, depois explicar a escolha das três estátuas e sua relação com a luta pela liberdade e, posteriormente, investigar se há relevância no tema para

ser tratado em sala de aula a partir das competências e habilidades elencadas na BNCC e desenvolvidas pelo Currículo Paulista.

A partir da análise da BNCC e da comprovação da relevância da minha pesquisa para ser aplicada em sala de aula, desenvolvi uma sequência didática de quinze aulas (sendo três em campo) para organizar estas reflexões de forma didática. Através da educação busquei nesta última parte, tanto visibilizar os monumentos quanto sua discussão para que os temas atuais de memória, patrimônio, representação e espaço público tomassem lugar dentro da disciplina de Geografia no primeiro ano do Ensino Médio.

2. UMA BREVE ANÁLISE CRÍTICA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (2018)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, é um documento que elenca os principais conteúdos, objetivos e competências que a educação brasileira deve abordar na educação básica. Este documento foi escrito em um dos momentos de maior polarização política dos últimos anos, em que a educação foi alvo de diversos ataques protagonizados pelos setores mais reacionários da política e da sociedade.

Um dos exemplos é lembrar que pautas como o “Escola Sem Partido” operavam como uma verdadeira perseguição aos professores que estimulavam o pensamento crítico¹. Ao mesmo tempo, nunca o movimento secundarista brasileiro foi tão organizado e protagonizou tantas lutas: ocupando escolas, indo na contramão do sucateamento da educação pública e questionando a ausência da participação dos estudantes nos debates internos.

Assim, as críticas feitas à BNCC são de muitas ordens, mas existe uma indignação geral em como ela foi estruturada sem a participação efetiva da sociedade civil e dos educadores que estão todos os dias nas escolas do Brasil.

¹ O movimento “Escola Sem Partido” fundado por Miguel Nagib e é um movimento de extrema direita que ganhou força principalmente a partir de 2016. A organização acusa os professores de serem na verdade “militantes de esquerda travestidos” que buscavam doutrinar e aliciar os jovens estudantes com princípios comunistas e contra a família. “Escola Sem Partido” também ganhou força principalmente pela sua posição contrária aos debates de sexualidade e gênero nas escolas, afirmando que a escola não poderia ensinar aquilo que “ferisse os princípios” das famílias dos estudantes. Com o passar dos anos ficou evidente sua conexão partidária com a extrema direita simbolizada nestes anos pela família Bolsonaro que em muitos momentos utilizou o programa do “Escola Sem Partido” como base de suas políticas educacionais.

Por exemplo, um dos movimentos com maior protagonismo na redação da base é o Movimento pela Base Nacional Comum, que é um movimento não governamental que tem como parte do conselho e apoio institucional, fundações e institutos ligados a grandes empresas privadas, como a Fundação Lemann, a Fundação Roberto Marinho, o Instituto Ayrton Senna, o Instituto Natura e o Instituto Unibanco, entre outros (SOARES, p. 143).

Este movimento não-governamental liderado por essas instituições “a quem interessa um conceito de educação voltado para o mercado” tem expressiva participação na BNCC a direcionando para uma abordagem bastante mercadológica e liberal da educação (SOARES, p. 143). Como afirma Soares em sua tese de doutorado “Ordem ambiental internacional e educação ambiental: ODS e BNCC de Geografia – ensino fundamental, anos finais”:

Não se pode desconsiderar que o principal objetivo do setor privado, em qualquer área, sempre foi o lucro, e que muitos envolvidos nesses grupos têm ligações com instituições de ensino privadas e elaboração e venda de cursos e materiais didáticos. Porém, de acordo com Avelar (2019), mesmo os setores filantrópicos, que não lucram diretamente com a oferta do serviço, mas costumam ter grande poder financeiro, têm uma visão gerencial, mercadológica, e invariavelmente acreditam que os problemas da educação no Brasil podem ser resolvidos por meio de reformas estruturais, buscando promover gestões mais ‘eficientes’, a padronização do ensino e a melhoria dos resultados nas avaliações em larga escala, além de provas institucionalizadas. (SOARES, 2022. p. 145)

Além disso, um dos aspectos evidentes na BNCC é que há uma “tendência à neutralidade”, como se fosse possível definir o que será a base nacional curricular sem que haja qualquer corrente teórica por trás. Essa “neutralidade” transparece principalmente quando não se elenca quais teóricos estão sendo usados como fundamento do documento – como completa Soares: “nenhum autor ou estudo da área de Pedagogia ou da Psicologia é mencionado, sendo as citações limitadas a documentos da ONU, UNESCO, OCDE e Organização Internacional do Trabalho (OIT).” (SOARES, 2022. p. 150).

Essa “neutralidade”, que não é nada neutra, também agiu de maneira contundente em relação ao ensino de Ciências Humanas numa perspectiva crítica. Apesar de não ser o foco deste trabalho esmiuçar o porquê e como se deu o conjunto destes ataques ao ensino de Ciências Humanas na escola, é

óbvio que ao substituir as matérias tradicionais - História, Geografia, Sociologia e Filosofia – por uma generalização nomeada de “A área de ciências humanas e sociais aplicadas” no Ensino Médio gera um enfraquecimento das disciplinas.

Essa generalização, como muitos poderiam argumentar, não tem como objetivo uma integração maior entre as disciplinas na construção de um conhecimento plural e interdisciplinar e, sim, vem atrelada à uma proposta do Novo Ensino Médio onde o estudante, segundo seu projeto de vida, escolheria sua área de conhecimento preferida para se desenvolver além das matérias obrigatórias de Português e Matemática.

Por fim, a BNCC é uma proposta simplista do governo que assume a criação de um currículo unificado para resolver os problemas de desigualdade entre as escolas, se negando a “repensar investimentos, estrutura das escolas, valorização profissional dos educadores, entre outros fatores essenciais à educação de qualidade” (SOARES, p. 162). Além dos problemas mencionados por Soares, sabemos que o estudante brasileiro é desincentivado muitas vezes ao longo de sua trajetória escolar e isso não se deve única e exclusivamente ao conteúdo que se está aprendendo no colégio e sim, toda a rede complexa de situações que permeia a vida de cada um.

Neste sentido em nenhum momento da BNCC são nominalmente mencionados pobreza, desigualdade social, o racismo, o capacitismo, o machismo, a LGBTfobia como problemas da educação pública². O documento menciona sutilmente as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza como um compromisso educativo da educação brasileira (BRASIL, 2018) mas nunca num movimento radical de perceber que a educação só será para todas, todos e todes na medida que ela se dedicar sobretudo para a superação das desigualdades.

² Inclusive o MEC retirou o termo “orientação sexual” e “gênero” da BNCC de forma arbitrária em 2017, alegando que tinham feito apenas ajustes finais de editoração. Ver mais em “MEC retira termo “orientação sexual” da Base Curricular”. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/mec-retira-termo-orientacao-sexual-da-versao-final-da-base-curricular>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

2.1 A área de ciências humanas e sociais aplicadas no Ensino Médio

Como o objetivo deste trabalho é elaborar um curso a ser ministrado no Ensino Médio, me debrucei principalmente em entender o que era tratado como prioridade no currículo de “Ciências humanas e sociais aplicadas” nesta etapa. Ainda que rara, é possível perceber que há uma margem para debate e pensamento crítico, ainda que essa margem seja pouco aprofundada durante todo o documento. O discurso muitas vezes é totalmente raso sem ter de fato um compromisso com o combate às desigualdades e aos preconceitos ou uma definição sobre o que seriam esses “princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários” (BRASIL, 2018), que aparecem muitas vezes generalizados.

Ademais, algumas categorias da área de ciências humanas e sociais aplicadas são elencadas, sendo elas: “Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho”. Estas categorias, como vimos anteriormente, não são embasadas a partir de nenhuma linha teórica e não tem direcionamento de como devem ser tratadas em sala. Apenas é indicado que cada categoria pode ser “desdobrada em outras ou ainda analisadas à luz das especificidades de cada região brasileira, de seu território, da sua história e da sua cultura” (BRASIL, 2018).

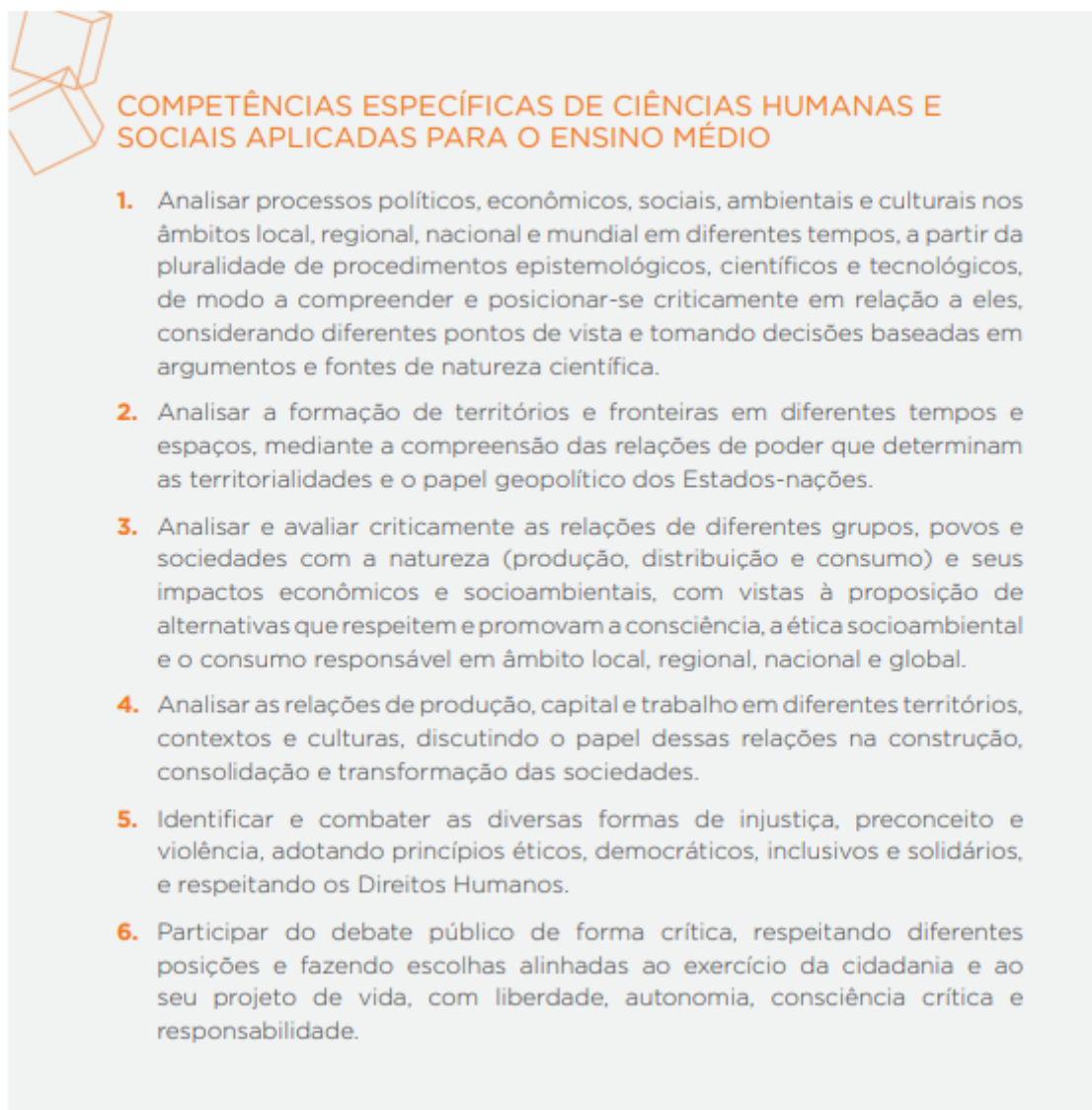
Como este trabalho é um trabalho geográfico e, em linhas gerais, a Geografia aborda o espaço, destaco aqui que na BNCC, por mais que em nenhum momento seja citada a disciplina nominalmente, existe uma compreensão do espaço que “deve contemplar suas dimensões histórica e cultural, ultrapassando suas representações cartográficas” (BRASIL, 2018). Esta é uma posição que direciona a compreensão do espaço num viés geográfico, possibilitando uma análise do espaço de forma multidimensional e não apenas exata.

Ao final do tópico “5.4 A área de ciências humanas e sociais aplicadas”, uma lista de seis competências específicas é enumerada (Figura 1). O documento se estrutura principalmente por essas competências que se desdobram em habilidades a serem trabalhadas pelos professores e conquistadas pelos alunos. Essa lista de competências também é polêmica porque se a BNCC indica uma lista de competências e habilidades que devem

ser atingidas por todos, fica subentendido que o futuro sucesso ou fracasso profissional (e cidadão) do educando estaria ligado à obtenção individual dessas competências e habilidades (SOARES, p. 149).

Depois que nos deparamos com essa lista de competências abstratas (Figura 1), fica ainda mais frágil o argumento de que no Ensino Médio haveria uma exploração das questões pertinentes a matérias como a Geografia sob uma perspectiva mais complexa, “dada maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos.” (BRASIL, 2018). Isso porque os conteúdos do fundamental não são efetivamente retomados e como já dito anteriormente, a ausência da separação das disciplinas promove ainda mais uma simplificação dos conceitos.

Figura 1 - Lista de competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o Ensino Médio da BNCC



Fonte: Brasil (2018)

3. MONUMENTOS NA ESCOLA

Como dito na introdução, um dos objetivos deste trabalho é observar se há ou não relevância em tratar dos monumentos da nossa cidade em sala de aula, principalmente a partir da minha iniciação científica “Monumentos Paulistanos: a disputa pela narrativa histórica no espaço público”. Este segundo capítulo está dividido principalmente em três partes, na primeira vou retomar algumas discussões iniciadas na iniciação científica e muito presentes na atualidade sobre os monumentos; na segunda parte vou apresentar as três estátuas que serão trabalhadas em sala e na terceira parte a minha ideia é tentar

fazer paralelos com as competências e habilidades elencadas na BNCC que foi analisada no capítulo anterior.

3.1 Monumentos na cidade – uma discussão atual

Podemos definir um monumento enquanto uma técnica com a qual uma comunidade consegue assegurar materialmente a sua reprodução identitária através dos tempos, de forma a desafiar à “[...] ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais (...) [procurando] apaziguar a angústia da morte e da aniquilação”. (CHOAY, 2001, p.18). Apesar dessa definição estar correta, na prática, os monumentos muitas vezes são colocados no espaço público a partir de uma política do Estado que homenageia propositalmente certas figuras ou feitos como uma forma também de dominação sobre o passado e presente para legitimação de uma dada narrativa histórica. O historiador Michel-Rolph Trouillot desenvolve esta ideia entendendo que o passado é a disputa pela narrativa do passado

"Se as memórias, assim como a história individual, são construídas, mesmo nesse sentido mínimo, como é que o passado que elas recuperam pode ser fixado? (...) a existência independente de um passado fixo e postula a memória como a recuperação de seu conteúdo. Mas não existe passado independente do presente. De fato, o passado só é passado porque existe um presente, assim como só posso apontar para algo lá porque estou aqui. (...) o passado não tem conteúdo. (...) a preteridade (*pastess*) - é uma posição." (TROUILLOT, 2016, p.41)

Essa dominação sobre o passado e sobre o presente também foi muito bem trabalhada pelo estudo do Instituto Pólis “Patrimônio, memória e diversidade: um olhar antirracista sobre monumentos da cidade de São Paulo” de 2023. Desde o estudo de 2020 “A presença negra nos espaços públicos”, o Instituto Pólis vem mapeando os monumentos de São Paulo numa análise crítica sobre quais figuras históricas faziam parte da paisagem urbana de São Paulo como a própria introdução já revela que “(...) esta pesquisa é também uma provocação, que pode ser resumida em uma pergunta: que histórias as cidades nos contam?” (INSTITUTO PÓLIS, 2023, p. 6). Aqui fica nítido o protagonismo do espaço (e principalmente, da cidade) no estudo da memória e do patrimônio espalhado por São Paulo.

Existem 377 monumentos na cidade de São Paulo, que retratam diferentes tipos de figuras. Do total, 53 são símbolos (14%), 50 são objetos (13%), 26 representam figuras religiosas e mitológicas (7%), 16 são datas comemorativas (4%), 9 são de outros tipos de figuras (2%), 13 não foram identificados (3%) e 210 (56%) são monumentos a pessoas.

A análise inicial revela que há um desequilíbrio quanto à raça/cor e gênero das figuras. Das 210 obras, 155 representam pessoas brancas (74%), 12 são negras (5,5%), 12 são asiáticas (5,5%), 4 são indígenas (2%), 9 retratam várias raças (4%) e 18 não tiveram a raça/cor identificada (9%). Quanto ao gênero, 174 representam homens (83%), 2 são mulheres (9%) e 17 retratam ambos (8%). (INSTITUTO PÓLIS, 2023, p.30-31)

Para além dos dados quantitativos que evidenciam uma desigualdade gritante entre as representações brancas, negras, asiáticas e indígenas ou entre homens e mulheres representados, há outros graus de complexidade das representações. A dominação material dos monumentos engendra uma dominação simbólica (e vice-versa) e essa via entre o simbolismo do monumento e os espaços que eles ocupam é muito trabalhada durante o estudo. Afinal, essa dominação simbólica sobre quais fatos e personalidades vão ser representados e, mais do que isso, *como* eles vão ser representados serve como uma articulação para a manutenção do status quo. Como nos lembra Trouillot

"Qualquer sistema de dominação tende a proclamar sua própria normalidade. Reconhecer a resistência como um fenômeno de massa seria reconhecer a possibilidade de que alguma coisa estivesse errada com o sistema." (TROUILLOT, 2016, p.142)

Um dos exemplos disso é como muitas vezes pessoas negras e indígenas não tem sua diversidade representada – não tem nome, uma personalidade específica, são tratados muitas vezes como “os outros” e assim são representados de forma estereotipada (INSTITUTO PÓLIS, 2023, p.9).

Durante a iniciação científica que realizei pude perceber isto nos monumentos espalhados pelos distritos Sé e República, onde há a representação do “Índio caçador” e da “Mãe preta”, por exemplo, que são personagens absolutamente genéricos, enquanto os homens brancos tem uma representação específica, como “Goethe”, “Cesário Mota”, “Rui Barbosa”, “Carlos Gomes”, entre outros personagens da história. Assim torna ainda mais necessário nomear os monumentos abordados e tratar em sala daqueles

personagens que tem nome e um passado de lutas, como Luiz Gama, Zumbi dos Palmares e Vladimir Herzog.

Atualmente “as narrativas hegemônicas que são reiteradas por monumentos urbanos passaram a ser contestadas, bem como a própria existência das obras que as representam.” (INSTITUTO PÓLIS, 2023, p.10), essa contestação que pode ser vista em diversos lugares do mundo e também tomou maiores proporções no Brasil nos últimos anos. Seja pelo questionamento de figuras controversas ou pela exigência de novos monumentos que principalmente enaltecessem personalidades negras da nossa história, o debate sobre o conjunto de símbolos da cidade inegavelmente acalorou.

3.2 Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares

Ao longo da iniciação científica e do mapeamento das estátuas, pude perceber como era necessário, para além da construção de novas estátuas e da intervenção em estátuas controversas, uma política de visibilização dos monumentos na cidade. A invisibilidade dos monumentos, principalmente das construções que enaltecem aqueles que lutaram contra o Estado brasileiro e pela liberdade, é uma constatação.

Quando converso com amigos, familiares e alunos é muito mais frequente que, ao perguntar sobre os monumentos da cidade, muitas vezes eles se recordem do “Monumento às Bandeiras”³, “Borba Gato”, “Duque de Caxias” como parte da paisagem urbana e como parte também da nossa memória coletiva. Mas é raro que eles comentem de estátuas que homenageiam “Luiz Gama”, “Vladimir Herzog” e “Zumbi dos Palmares” presentes nos distritos centrais da Sé da República (Mapa 1). Além do desconhecimento dos monumentos, é também presente o desconhecimento sobre as figuras que estão sendo homenageadas e suas respectivas lutas por liberdade. Nesse sentido, tomei como prioridade deste trabalho a abordagem destes monumentos na escola para que eles tivessem maior notoriedade.

³ “Mesmo não prestando homenagem direta a uma pessoa branca, a estrutura da cena representada reforça uma narrativa de hierarquização social e racial da sociedade, desqualificando o papel histórico ou secundarizando a participação dos povos originários ou da população negra na formação de São Paulo e do país.” (INSTITUTO PÓLIS, 2023, p.42)

Mapa 1 - Localização dos três monumentos



Fonte: Geosampa

Aqui não me restrinjo às histórias das personalidades na época em que viveram, de seus feitos e importância, mas também ao espaço que elas ocupam e a luta de outros agentes para sua construção. Como a ideia é construir um curso geográfico sobre as estátuas, as histórias de luta de cada personagem não serão amplamente aprofundadas nesta parte, apesar de estarem presentes nas aulas, o que se busca aqui é tratar especialmente do espaço.

A começar pela estátua do advogado abolicionista Luiz Gama, sua construção se deve à uma luta de um grupo de intelectuais e ativistas negros vinculados ao jornal Progresso, e liderados por Lino Guedes que organizaram uma campanha pública pela construção de uma herma em homenagem ao abolicionista e advogado (DOMINGUES). *“Longe de se restringir a um bronze para perpetuar a memória do abolicionista negro, o monumento simbolizava o “marco de uma nova consciência da Raça” como aponta Petrônio Domingues no texto “A aurora de um grande feito: a herma a Luiz Gama”. Ele continua*

“Todavia, não se deve ler a herma apenas como uma conquista simbólica e identitária. Para além de uma efígie ou a materialização de um ícone, ela traduziu um significado político referencial. A própria campanha do monumento serviu de vitrine para discutir as questões, as aspirações e as demandas da “população de cor”, de modo que a tão sonhada ampliação dos direitos e da cidadania entrou no jogo. Nas páginas dos jornais, nas plenárias, nos atos públicos, nas manifestações cívicas, a retórica política fez-se presente e não se restringiu ao exercício de culto ao “herói da raça”. Catalisando uma polifonia de discursos, motivações e interesses, a memória do ícone negro foi apropriada na perspectiva da “utopia redentora de um povo”, atendendo (ou procurando atender) às suas expectativas, aos seus anseios e ao seu sonho de igualdade.” (Domingues, p.409)

Figura 2 - Busto de Luiz Gama no Largo do Arouche

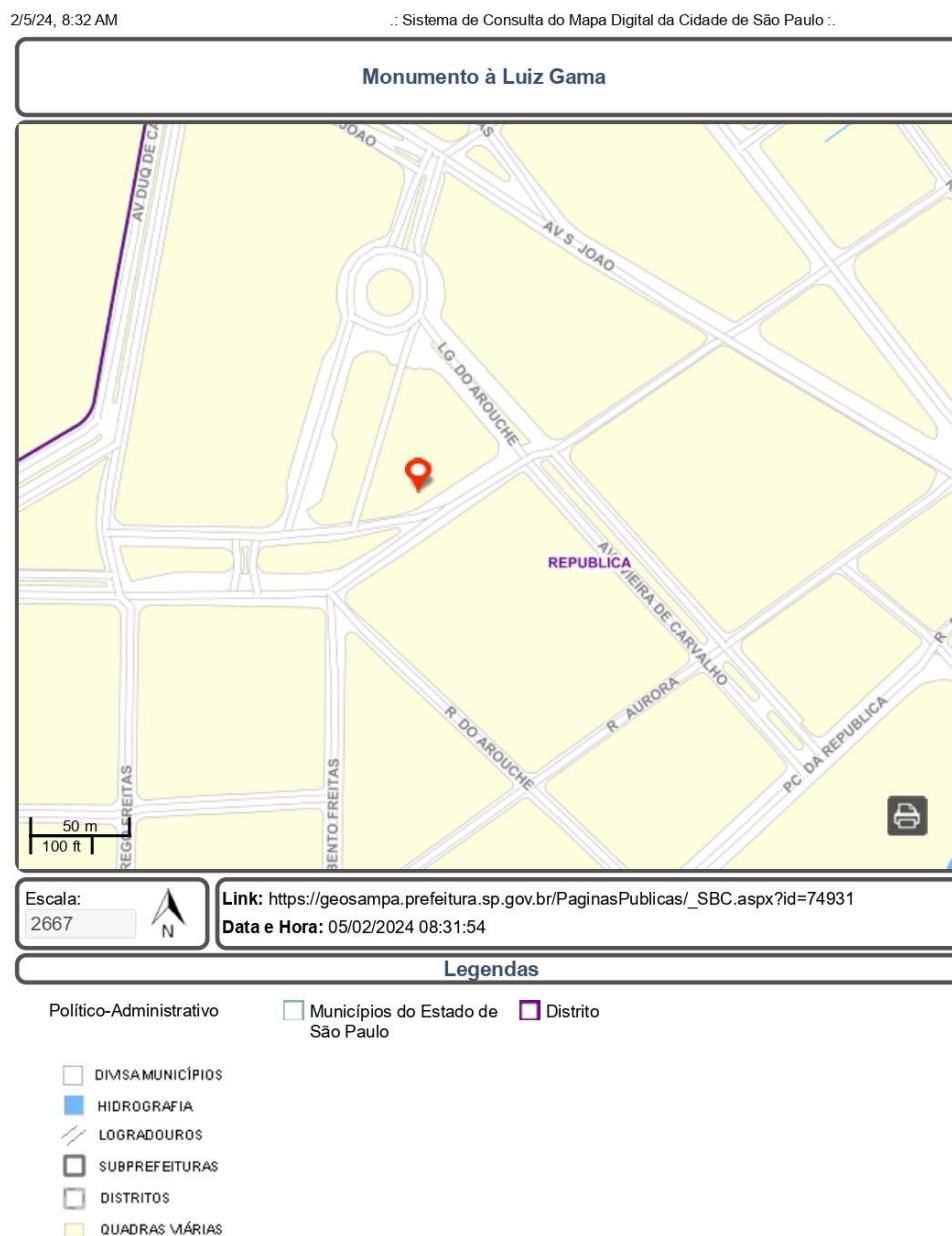


Fonte: Arouchianos (2024)

O monumento a Luiz Gama (Figura 2) feito de granito, bronze e concreto por Yolando Mallozzi, foi inaugurado em 1931 no Largo do Arouche (Mapa 2) tem os dizeres “Por iniciativa do Progresso/ Homenagem aos pretos do Brazil” e revela parte desta história. Aqui fica registrada uma parte importante da

compreensão de monumento, que é a definição daqueles que são nossos heróis pelas pessoas que estão sendo representadas na homenagem – existem muitos exemplos de outras estátuas e “homenagens” que são feitas baseadas em estereótipos ou descontextualizadas justamente porque não foram definidas por aqueles que estão “sendo representados”.

Mapa 2 - Localização do Monumento a Luiz Gama



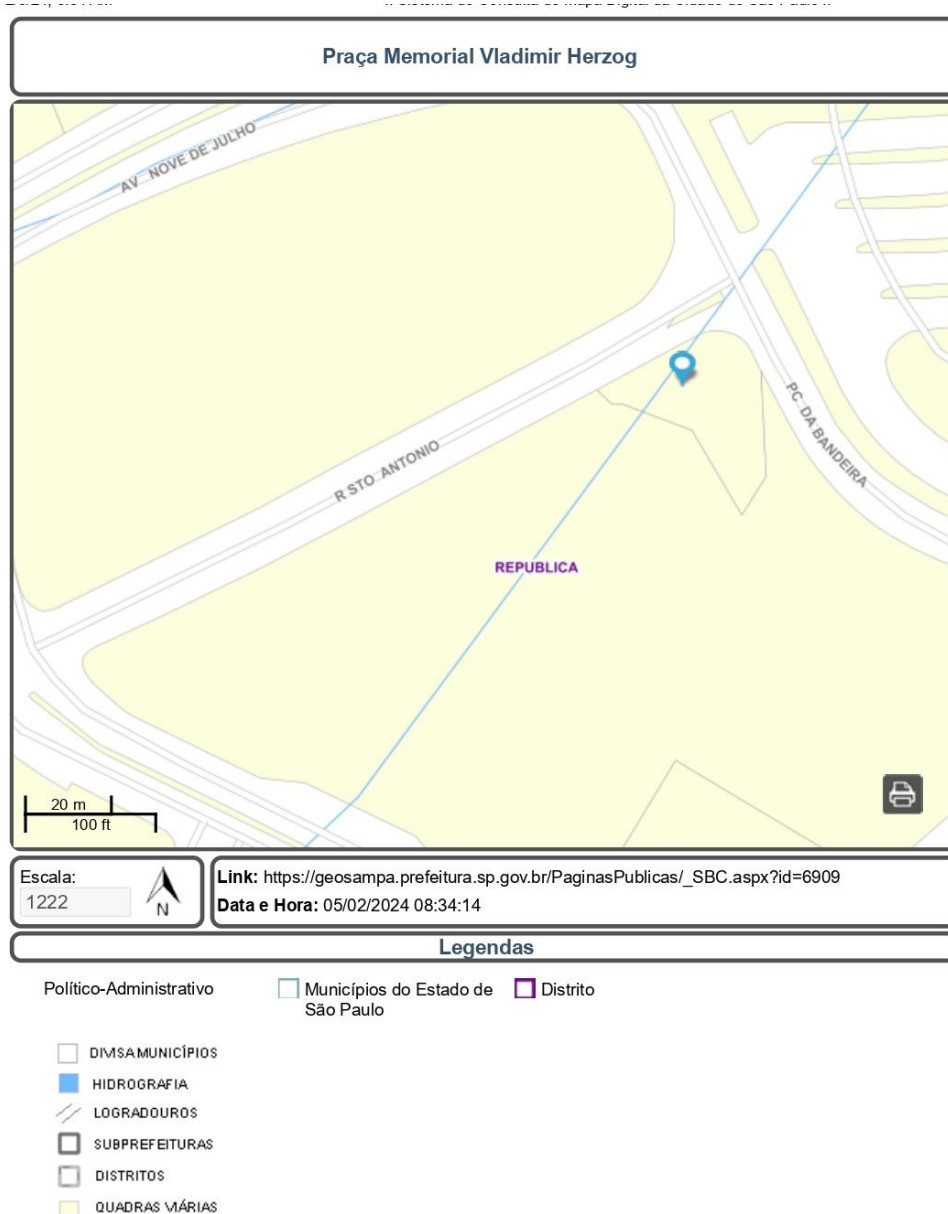
Fonte: Geosampa

A segunda estátua que venho destacar neste trabalho, é a estátua do jornalista Vladimir Herzog. Como na história da construção da estátua de Luiz

Gama, há uma reivindicação de uma parcela da sociedade para que o monumento fosse erguido. Em 2012 há a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que serviria para investigar violações de Direitos Humanos cometidas entre os anos 1946 e 1988, sendo a ditadura militar um dos principais focos das investigações realizadas. Além da CNV, a Câmara Municipal de São Paulo também forma a sua própria Comissão da Verdade, tendo como responsável o vereador Ítalo Cardoso (PT) que decidiu homenagear o jornalista e ex-professor da USP Vladimir Herzog.

Cardoso propõe que a Praça atrás da Câmara dos Vereadores, antiga Praça da Divina Providência, passasse a se chamar “Praça Memorial Vladimir Herzog” (Mapa 3) e têm sua proposta aceita na câmara. A praça foi inaugurada no dia 25 de Outubro de 2013, e no mesmo dia em 2016 foi inaugurado um monumento em bronze à Herzog com o nome “Vlado Vitorioso” (Figura 3) desenvolvido pelo artista Elifas Andreato. O monumento é muito bonito e simbólico, porque apesar da morte do jornalista ter marcado um período muito sombrio da nossa história, o monumento tem uma leveza proposital que escancara a vida e luta de Herzog, militante do Partido Comunista Brasileiro e comprometido com a luta pela democracia e liberdade de expressão na imprensa.

Mapa 3 - Localização da Praça Memorial Vladimir Herzog



Fonte: Geosampa

Na Praça Memorial Vladimir Herzog há também um outro monumento de Elifas Andreato inaugurado em 2019, a “Ampliação do troféu do prêmio jornalístico Vladimir Herzog” (Figura 4). Os dois monumentos a Vladimir Herzog têm uma perspectiva artística muito intrigante, o primeiro como já mencionei, traz alegria e leveza num espaço que ao mesmo tempo que relembra a tragédia da ditadura militar, comemora a vida de Vlado. O segundo que é literalmente o troféu ampliado, forma o perfil de Herzog pela sua ausência, o que também é muito

simbólico porque é pela criação por parte do artista que a ausência do jornalista se evidencia.

Figura 3 - "Vlado Vitorioso" estátua em homenagem a Vladimir Herzog



Fonte: Descubra Sampa (2018)

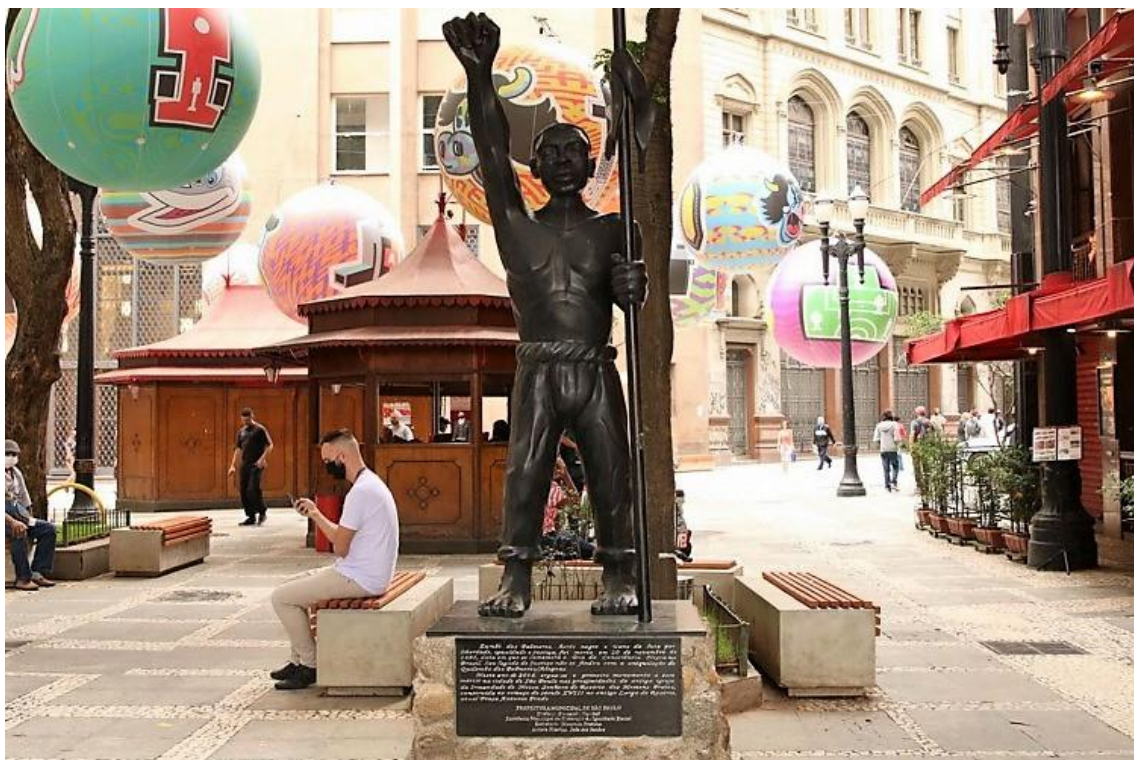
Figura 4 - Ampliação do troféu do prêmio jornalístico Vladimir Herzog



Fonte: Brasil de Fato (2019)

No ano de 2012 ocorreu um edital organizado pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial para execução de um monumento à Zumbi dos Palmares (Figura 5). O artista José Maria Ferreira dos Santos venceu o edital e no dia 20 de Novembro (Dia da Consciência Negra) o monumento foi inaugurado na Praça Antônio Prado (Mapa 4). Há um grande simbolismo na escolha da data para a inauguração do monumento, pois Zumbi foi assassinado pela expedição liderada pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho nesta mesma data em 1695.

Figura 5 - Monumento a Zumbi dos Palmares



Fonte: Partido Comunista do Brasil (2021)

Figura 6 – A antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: São Paulo antiga (2015)

Com o plano de “modernização” do prefeito, a Igreja não tinha mais lugar porque no começo do século XIX, as elites conservavam as antigas desigualdades sociais e o status quo, ao mesmo tempo que buscavam “o moderno e a prosperidade ao estilo europeu” (SANTOS⁴). Essa política fez com que quem não “possuísse as características europeias, confundidas com a modernidade” não pudesse permanecer naqueles espaços centrais sendo programaticamente removidos por políticas estatais (SANTOS⁵).

O que se percebe aqui é algo que a historiadora Bárbara Weinstein trabalha bastante em seu novo livro “A cor da modernidade – a branquitude e a formação da identidade paulistana”, em suma, “as imagens racializadas da modernidade e do progresso embasaram profundamente práticas e políticas discriminatórias” (WEINSTEIN, 2022, p.44). Antônio Prado foi um prefeito que ao reconfigurar a cidade também estava tentando construir uma “identidade paulistana moderna”, identidade esta que dava ênfase na modernidade tornando

⁴ Apud Moraes, 2017.

⁵ Idem.

as “práticas culturais tradicionais” incompatíveis ou marginais (WEINSTEIN, 2022, p.77). Como previamente mencionado, é evidente que essas “práticas culturais tradicionais” tinham classe e raça.

A prefeitura depois de demolir a Igreja, indicou um novo terreno para que ela fosse reconstruída e até hoje ela está localizada no Largo do Passaíndú (Figura 7), área alagadiça e afastada do núcleo original da cidade que se concentrava entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí (MORAES, 2017, p.38).

Figura 7 - Largo do Paissandu nos dias de hoje



Fonte: Estado de São Paulo (2023)

O Monumento a Zumbi, hoje localizado na Praça Antônio Prado, provoca uma série de reflexões. Apesar de Zumbi dos Palmares ser uma grande liderança quilombola, o local em que ele está inserido não homenageia nominalmente qualquer pessoa da Irmandade. Mas mesmo assim é muito simbólico que no local onde abriga a Bolsa de Valores e é o centro histórico da cidade haja uma estátua em homenagem a Zumbi dos Palmares, que infelizmente passa muito despercebida pela população dada sua proporção. É necessário, portanto, ao falar da estátua rememorar principalmente a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

3.3 Os paralelos possíveis com a BNCC

A partir da leitura da BNCC, pude perceber que temas como memória, cidade e patrimônio não são citados como centrais no estudo das ciências humanas e sociais. Mesmo o pensamento geográfico é pouco valorizado dentro das competências e habilidades dos estudantes do Ensino Médio, diferente do Ensino Fundamental onde a disciplina resiste entre trancos e barrancos.

De qualquer forma, a partir da leitura dessas competências e do tópico “5.4.1 Ciências humanas e sociais aplicadas no Ensino Médio: competências e habilidades” pude problematizar o currículo ao mesmo tempo me apropriando dele para tentar toma-lo numa perspectiva efetivamente crítica.

Assim, por mais que a BNCC não trate profundamente da Geografia é a partir destas pequenas brechas que eu percebi possibilidades de construir um curso geográfico sobre a cidade de São Paulo através da espacialidade e história dos monumentos já citados. É nesta brecha que consegui vislumbrar a possibilidade de tratar os monumentos do centro histórico de São Paulo como uma especificidade da cidade paulistana, articulando com a categoria “Tempo e Espaço”, principalmente.

A minha proposta é ter como base o estudo das estátuas Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares para que temas presentes na BNCC como temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião, tradições, etnias, etc), além de simbolização e abstração (BRASIL, 2018) sejam tratados e debatidos. Sem deixar de falar de memória, nosso patrimônio e toda a teia complexa de narrativas históricas e disputas que se dão no espaço público.

Sendo assim, separei três das seis competências e duas habilidades de cada competência que serão trabalhadas na sequência didática e de onde eu pude vislumbrar alguma brecha para que esses temas fossem tratados. Depois de analisar a BNCC pude também analisar o “Currículo Paulista – Etapa Ensino Médio” de 2020 e perceber qual é a orientação para os professores de Geografia do estado de São Paulo trabalharem cada uma dessas habilidades.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1

Analisar **processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais** nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a **compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles**, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Nessa competência específica, pretende-se ampliar as capacidades dos estudantes de elaborar hipóteses e compor argumentos com base na sistematização de dados (de natureza quantitativa e qualitativa); compreender e utilizar determinados procedimentos metodológicos para **discutir criticamente as circunstâncias históricas favoráveis à emergência de matrizes conceituais dicotômicas (modernidade/atraso, Ocidente/Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc.)**, contextualizando-as de modo a identificar seu **caráter redutor da complexidade efetiva da realidade**; e operacionalizar conceitos como **etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade etc.** e diferentes linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas. (grifos meus) (BRASIL, 2018)

Na primeira competência da BNCC há a menção ao pensamento crítico que se daria justamente após a análise de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. Novamente não há nenhuma menção ao espaço como também um processo, mas sim um palco onde estes processos poderiam acontecer ou apenas uma escala onde esses processos se dão (local, regional, nacional, mundial). Porém, na explicação da competência há a articulação de conceitos geográficos importantes na estruturação deste trabalho como “memória, territorialidade, espacialidade” e são nesses conceitos que parte do pensamento geográfico se debruça. Aqui é um dos poucos momentos de todo o texto da BNCC que se menciona a palavra memória, mas sem definir o que significa este conceito.

Neste trabalho o tema da memória é central justamente porque as estátuas Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares são parte da memória daqueles que lutaram por liberdade do nosso país, contrariando inclusive a ideia de que todos os monumentos servem para exaltar a colonização e construir uma identidade nacional enraizada em processos racistas,

antidemocráticos e uníssonos. É a partir dessas estátuas que podemos perceber as dissonâncias da narrativa histórica criada no espaço público percebendo a potência do espaço enquanto categoria de análise e não somente palco de processos, como é amplamente difundido ao longo da BNCC. No espaço é possível perceber as contradições históricas a partir da observação.

Existe também uma outra brecha na base curricular que é justamente a crítica as “matrizes conceituais dicotômicas” como modernidade e atraso, e nesse sentido há a possibilidade de relacionar isto com o autoritarismo e o racismo do Estado de São Paulo na época dos planos modernistas de desenvolvimento do Centro da cidade.

As duas habilidades articuladas com a “Competência 1” usadas para orientar a sequência didática são as com o código **EM13CHS102** e **EM13CH104**, as escolhi por conta de sua relação com o tema das aulas e tocam sutilmente em temas principais do curso aqui listadas

EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BRASIL, 2018)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

O exercício de **reflexão**, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Ao realizar esse exercício na abordagem de circunstâncias da vida cotidiana, **os estudantes podem desnaturalizar condutas, relativizar**

costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional. (BRASIL, 2018)

Na competência específica cinco há a palavra “silenciamento” que me remete automaticamente ao livro “Silenciando o passado: poder e a produção da história” de Michel-Rolph Trouillot, em que o autor aponta a violência do poder estatal em diversos níveis e principalmente no silenciamento da revolução Haitiana na “historiografia oficial”. Esse silenciamento sobre o passado é rompido quando por exemplo vemos a Praça Memorial Vladimir Herzog, uma forma do Estado reconhecer seu autoritarismo. Também no espaço público podemos identificar diferentes formas de injustiça, preconceito e violência e no caso do centro de São Paulo estas formas estão em todos os âmbitos e materializada nas estátuas já citadas.

É também parte desta competência avaliar “as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas” e assim se pode demonstrar como ao longo dos anos o Estado Brasileiro teve e tem papel autoritário como política pública, seja *atrapalhando* a construção da estátua de Luiz Gama, seja prendendo, torturando e assassinando aqueles que lutavam pela democracia durante a Ditadura Militar ou demolindo patrimônio e afastando a população negra do centro da cidade, como alguns exemplos. Nesta competência há a possibilidade de trabalhar de forma efetivamente crítica às desigualdades e a toda a política executada no espaço público, para que justamente haja a desnaturalização de condutas, relativização de costumes e percepção da desigualdade, do preconceito e da discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos (BRASIL, 2018).

É um objetivo deste trabalho fomentar a saída de campo na cidade para que haja o combate e a identificação das diversas formas de injustiça, preconceito e violência, justamente porque ao andar pelo centro da cidade é notório como elas estão modelando o espaço simbólico e prático da sociedade. O racismo presente na cidade de diversas formas é pauta do curso, mas principalmente sua presença na construção dos símbolos da nossa identidade paulistana/brasileira (WEINSTEIN, 2022), como já mencionado anteriormente.

Ainda, o centro da cidade de São Paulo aglutina em si diversos tempos e narrativas que estão a todo momento em disputa: essa percepção do espaço, dos símbolos e da história deve promover justamente o pensamento crítico de como as mudanças no espaço e na sociedade em geral vem de tensionamentos, contradições e lutas.

A partir da Competência 5 elenquei também duas habilidades que serão trabalhadas na sequência didática de código EM13CHS502 e EM13CHS503 porque uma das metas do curso é com que haja uma maior observação crítica do estudante na cidade assim como conseguir identificar as formas de repressão, opressão e violência por parte da sociedade e especialmente por parte do autoritarismo sistemático do Estado. Aqui elas estão retiradas em sua íntegra da BNCC

EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos (BRASIL, 2018)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6:

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com **liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.**

A **construção da cidadania** é um exercício contínuo, dinâmico e que demanda a participação de todos para assegurar seus direitos e fazer cumprir deveres pactuados por princípios constitucionais e de respeito aos direitos humanos. Assim, para que os estudantes compreendam a importância de sua participação e sejam estimulados a atuar como cidadãos responsáveis e críticos, essa competência específica propõe que **percebam o papel da política na vida pública, discutam a natureza e as funções do Estado e o papel de diferentes sujeitos e organismos no funcionamento**

social, e analisem experiências políticas à luz de conceitos políticos básicos.

Para o desenvolvimento dessa competência específica, a política será explorada como instrumento que permite às pessoas explicitar e debater ideias, abrindo caminho para o respeito a diferentes posicionamentos em uma dada sociedade. Desse modo, espera-se que os estudantes reconheçam que o debate público – marcado pelo respeito à liberdade, autonomia e consciência crítica – orienta escolhas e fortalece o exercício da cidadania e o respeito a diferentes projetos de vida.

Participar do debate público de forma crítica é também uma forma muito propícia de trabalhar os monumentos citados, mas também entender em que ruptura eles estão com outros monumentos do espaço público que estão sendo objeto de reflexão por parte da sociedade. É manifesto como nos últimos anos muitos monumentos ao redor do mundo estão sendo questionados. Essas representações questionadas rememoram eventos de extermínio, colonização, submissão de certos povos como grandes eventos da história dos países.

Aqui no Brasil e na cidade de São Paulo muitos monumentos são amplamente questionados pelos movimentos políticos, como o “Monumento às Bandeiras” e o “Borba Gato”, que inclusive já foram alvos de ações diretas. Existe um debate presente na sociedade sobre a presença ou não deles no espaço ou de que forma eles deveriam ser abordados pela educação, pelo turismo e pelo poder público. Esse debate engendra uma série de perspectivas culturais, artísticas, espaciais e políticas, portanto, é vital para o curso que haja o debate sobre as figuras que estão erguidas no espaço público, mas principalmente a posição que elas ocupam na cidade e com que frequência elas aparecem.

A palavra cidadania, utilizada pela BNCC, pode ter diversos significados ao longo da história e ganhar sentido mais ou menos radical, sendo reduzida muitas vezes aos “direitos e deveres” das pessoas. Mas sempre há a possibilidade de ampliar esse conceito como a nossa participação nas disputas e construções espaciais e narrativas do nosso *lugar*, já que é importante para a construção do curso e do pensamento geográfico proposto analisar a história da nossa cidade e as lutas de ontem e hoje que nelas estão espacialmente dispostas.

Entre as habilidades da Competência 6, duas me pareceram encaixar melhor com o plano do curso pois trabalham tanto as populações sistematicamente marginalizadas como também apontam para a identificação e caracterização da presença do autoritarismo na sociedade brasileira em períodos ditatoriais e democráticos, sendo assim, optei por elaborar uma sequência didática tendo essas duas habilidades como eixos.

EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

Para facilitar a visualização das competências e habilidades articuladas é possível observá-las a seguir (Tabela 1).

COMPETÊNCIAS	HABILIDADE 1	HABILIDADE 2
<p>Competência 1 Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.</p>	<p>EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.</p>	<p>EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios³⁵ da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.</p>
<p>Competência 5 Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.</p>	<p>EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</p>	<p>EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos</p>

<p>Competência 6 Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>	<p>EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.</p>	<p>EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.</p>
---	---	--

Tabela 1 – Competências e habilidades da BNCC articuladas entre si.

Posteriormente à análise da BNCC procurei encontrar qual era a orientação do Currículo Paulista dos conteúdos programáticos de cada habilidade (Tabela 2). Longe de querer esgotar uma habilidade ou competência insinuando que o estudo dos monumentos e da cidade de São Paulo supriria qualquer outro conteúdo para apreensão da realidade que estamos inseridos, a análise do Currículo Paulista e da BNCC foram formas encontradas para a estruturação do curso. Sendo assim, não há por minha parte um juízo de valores de quais conteúdos são mais ou menos importantes para serem ensinados na sala de aula e sim de que forma o tema de memória, patrimônio e espaço público articulados com os temas que cada monumento suscita podem contribuir no desenvolvimento das capacidades e habilidades por parte dos alunos. É perceptível que as relações que fiz entre os conteúdos de memória, patrimônio, cidade, ditadura, racismo, entre outros, não são as mesmas relações que o Currículo Paulista propõe.

Habilidade da BNCC	Geografia no Currículo Paulista (2020)
EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.	Sociedades tradicionais e urbano-industriais: as transformações da paisagem e do território pelo modo de vida e pela ocupação do espaço. 37
EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	Segregação socioespacial, vulnerabilidade socioambiental no mundo contemporâneo. Políticas públicas e planejamento de infraestrutura como promoção aos Direitos Humanos.
EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.	Delimitação e demarcação de terras e as questões indígenas e quilombolas.
EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço	Patrimônio natural, a conservação e o papel do turismo sustentável.
EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando	Representação cartográfica da violência. O discurso da violência nas campanhas políticas, propagandas ideológicas, redes sociais e no uso político de fake News.

mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos	
EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.	Países latino-americanos: os conflitos territoriais nas fronteiras e processos migratórios.

Tabela 2 – Habilidades escolhidas da BNCC com os conteúdos propostos no Currículo Paulista (Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação “Paulo Renato Costa Souza”, 2021)

4. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Depois da análise da Base Nacional Comum Curricular (2018) e da pertinência da abordagem dos monumentos no Ensino Médio, a partir das competências e habilidades elencadas anteriormente, desenvolvi uma sequência didática para trabalhar de forma geográfica as questões debatidas neste trabalho.

A sequência didática é formada por quinze aulas – doze em sala de aula e três em campo e está estruturada em três partes:

1. Preparação para o Tema (8 aulas)
2. Trabalhos de campo (3 aulas)
3. Sistematização do conteúdo (4 aulas)

Na preparação para o tema, como o nome já diz, as aulas são introdutórias ao tema dos monumentos. As três primeiras aulas são introdutórias e buscam: problematizar os símbolos da cidade e a invisibilidade que os monumentos tem e discutir a importância de se construir monumentos e as intervenções recentes que ocorreram nos monumentos controversos. É importante que ao longo das aulas se defina o que são monumentos e quais são os monumentos da nossa cidade. É só a partir da terceira aula que Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares serão anunciados como foco da disciplina.

A partir da quarta aula o tema das estátuas será central – tanto expondo as histórias individuais dos protagonistas, quanto a luta que está por trás da edificação de seus monumentos na cidade. Depois de aprofundar o tema, vamos a campo conferir a situação dos monumentos.

Nos três trabalhos de campo, a minha ideia é que os estudantes desenvolvam bastante sua observação ao espaço e aos monumentos, principalmente qual é a relação do entorno com as estátuas, que tipo de presença elas impõe ou não no espaço público. O objetivo é que eles possam fazer observações livres (com algumas sugestões), para que depois a gente discuta em sala as três estátuas traçando comparações.

Depois da discussão da aula doze, onde começa a sistematização do conteúdo aprendido, vamos ter uma última aula expositiva para reforçar as iniciativas da sociedade civil em tornar pública as histórias por vezes omitidas do espaço público, como a Caminhada Negra do Guia Negro.

Finalmente as avaliações serão algumas: a principal é a participação em sala nos debates e discussões, mas também serão cobradas aquelas respostas sobre o filme de Luiz Gama, as anotações do trabalho de campo, a comparação em forma de texto das três estátuas e o trabalho em grupo de uma nova intervenção na cidade (seja uma intervenção numa estátua que já existe ou a construção de uma nova). Na próxima seção as aulas estão mais esmiuçadas e posteriormente elaborei uma tabela onde as aulas estão dialogando com as competências e habilidades da BNCC.

4.1 Preparação para o tema (Aula 1 a Aula 8)

Na AULA 1, organizaremos as carteiras em roda e serão duas perguntas que nortearão o tema da invisibilidade e dos símbolos da cidade a serem respondidas individualmente numa folha de papel avulsa:

1. Escreva um monumento da cidade que você conhece.
2. Por que você conhece esse monumento?

Depois que a turma responder rapidamente e sem pensar muito nessas duas perguntas, vamos separar as respostas pelos monumentos citados na lousa. Por exemplo, cinco alunos conhecem o “Monumento às Bandeiras”, treze

alunos conhecem “Duque de Caxias”, etc. Na primeira resposta, o que ficará nítido provavelmente será o desconhecimento dos mais de 377 monumentos espalhados pela cidade, enquanto que na segunda resposta alguns fatores podem ser causa do conhecimento dos monumentos citados pelos alunos, como o tamanho deles, o espaço que eles ocupam, como esses monumentos são associados como símbolos de São Paulo, entre outros motivos que serão trabalhados nas aulas. Como aula introdutória, o que ficará para a casa é levar uma reflexão: Por que construímos monumentos?

Na AULA 2, serão trabalhadas duas questões norteadoras também que serão:

1. Por que construímos monumentos?
2. Quais monumentos nós temos na cidade de São Paulo?

A ideia é que a primeira pergunta seja respondida pelos alunos no começo da aula em forma de uma discussão rápida sobre o que eles pensaram entre as aulas, mas a partir de algumas intervenções a aula terá caráter expositivo sobre um pouco do “Por que construímos monumentos”, principalmente como forma de marcar o espaço público com figuras e fatos da nossa história, como também apresentar os dados fornecidos pela Prefeitura e pelo Instituto Pólis, que revelam a concentração dos monumentos, sua forte tendência a representar apenas homens brancos e como isso também é uma forma de ocultar as diversas narrativas históricas.

Na AULA 3, além de fechar a exposição de dados e mapas, vou apresentar quais novos monumentos têm sido colocados na cidade e trazer algumas reportagens de intervenções que ocorreram no Brasil, como as intervenções que já ocorreram no Monumento às Bandeiras como o dia em que o Borba Gato foi queimado, como polarização aos monumentos que seguem a lógica mais frequente de exaltarem momentos de exploração, dominação e colonização do nosso país. Aqui vou apresentar os três monumentos que iremos trabalhar ao longo das aulas brevemente e explicar porque é importante dar visibilidade à “outros heróis” da nossa história em suas lutas por liberdade.

Na AULA 4, para que também não se utilize exaustivamente o método de debate e aula expositiva, iremos assistir ao filme “Doutor Gama” de 2021 (Figura

8) que tem a função de contar a história de Luiz Gama, advogado abolicionista que muitas vezes tem sua importância deixada de lado e que altera uma visão que coloca as pessoas brancas e a elite do Brasil como caridosa, demonstrando que a luta abolicionista foi muito importante para o fim da escravidão. Demonstrando novamente como é necessário o conhecimento das “múltiplas narrativas históricas” que estão presente no espaço público.

Figura 8 – Filme Doutor Gama



Fonte: Wikipedia

Na AULA 5, depois que os alunos acabarem de ver o filme (que tem 1 hora e 22 minutos). Pedirei para que eles respondam duas perguntas e me deem como tarefa:

1. Você já conhecia a história de Luiz Gama? O que o filme te fez pensar?
 2. Você acha importante termos uma estátua de Luiz Gama na cidade?
- Por quê?

Na AULA 6, será uma aula expositiva onde vou trazer uma parte do texto do Petrônio Domingues sobre como a estátua do Luiz Gama tem a ver com a mobilização de uma parcela da sociedade e como essa mobilização é importante para que se erga símbolos condizentes com aquela parcela que se mobiliza.

Além do Luiz Gama, outro monumento que é fruto de mobilização de parte da sociedade é o do Vladimir Herzog: apresentarei sua história, bem como a Comissão da Verdade e a história do monumento. A pergunta que ficará para o fim da aula é: que outros espaços, monumentos, museus, que vocês conhecem que tem como objetivo lembrar da época da ditadura e da violência do Estado? Essa ausência de monumentos que lembram estes momentos tem a ver com o fato do Estado muitas vezes não se reconhecer como culpado pelos seus mortos.

Na AULA 7, também será uma aula expositiva onde o tema será história da cidade de São Paulo e a estátua Zumbi dos Palmares. Levarei mapas do Centro de São Paulo para situar os estudantes, mostrando o triângulo histórico, o Viaduto do Chá e o distrito da República – o “Centro novo”. Para abordar a estátua do Zumbi dos Palmares, falarei bastante sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

O mais importante nessa aula é apresentar um pouco a ideia do livro “A cor da modernidade – a branquitude e a formação da identidade paulistana” da Bárbara Weinstein, demonstrando como a ideia de demolir a Igreja do centro da cidade também era uma atitude que associava o moderno aos brancos combinando com o princípio de apagar o passado da população negra do centro da cidade. Apresentarei a estátua de Zumbi no contexto de tentar marcar o espaço com uma representação negra, mas apenas posteriormente vamos debater essa representação.

Na AULA 8, a ideia é preparar para o trabalho de campo e informar que atividades serão realizadas pelos estudantes. A ideia é que eles observem em cada campo as estátuas e façam anotações sobre elas: o tamanho delas, se elas estão bem cuidadas, se elas parecem chamar atenção das pessoas na rua, se elas estão bem sinalizadas ou se há alguma contextualização de sua presença, como está o entorno da estátua, etc. A ideia é que a atividade não seja muito

dirigida, mas que os estudantes tenham em mente que quanto mais tiverem percepção sobre o espaço melhor será para as atividades seguintes.

4.2 Trabalho de Campo (Aula 9 a Aula 11)

Na AULA 9, iremos para campo juntos visitar o monumento a Luiz Gama. Os materiais necessários serão: folha sulfite, prancheta e caneta. A ideia de irmos para campo juntos no espaço também é uma forma para que a população que esteja caminhando pelas ruas do centro perceba a movimentação dos estudantes como uma forma de evidenciar as estátuas. A ideia aqui é dizer poucas coisas durante o campo: informar o ano em que a estátua foi construída, quais são os materiais utilizados, quem construiu, etc. E deixar os estudantes terem suas próprias observações. No fim do trabalho de campo todas as anotações serão entregues.

Na AULA 10, iremos para campo juntos visitar a Praça Memorial Vladimir Herzog, onde os estudantes podem fazer anotações sobre as várias construções que a praça possui, mas com ênfase nos dois monumentos “Vlado Vitorioso” e “Ampliação do prêmio jornalístico Vladimir Herzog”. A ideia é que os estudantes continuem anotando suas impressões sobre o espaço e sobre os monumentos de forma livre, podem até mesmo desenhar. A partir das anotações do outro campo é possível que recomende alguma observação em específico que ficou faltando.

Na AULA 11, iremos para campo juntos, mas dessa vez fazer um rápido trajeto: da estátua Zumbi dos Palmares (onde os alunos terão de ficar um tempo para fazerem as anotações) até o Largo do Paissandu, onde veremos a “nova” Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a estátua da Mãe Preta (Figura 9) – que será devidamente problematizada a luz daquilo que trabalhamos em sala sobre as representações estereotipadas que não foram definidas pelos representados. O trajeto é importante para os alunos perceberem as mudanças do Centro Antigo, para o Centro Novo e ao longo do trajeto alguns temas trabalhados em aula serão novamente abordados, principalmente da aula 7.

Figura 9 – Estátua da Mãe Preta no Largo do Paissandu



Fonte: Estado de São Paulo (2021)

4.3 Sistematização dos conteúdos (Aula 12 a Aula 15)

A AULA 12 faremos em sala de aula, em roda novamente. Essa aula é importante para que os alunos exponham suas observações em sala – algumas perguntas vão nortear, como: qual estátua era a maior? Qual estátua estava mais bem cuidada? Que estátua parecia melhor representar? Qual monumento chamava mais atenção na rua? A discussão é para que haja uma sistematização coletiva do conhecimento adquirido em campo.

Essa aula tem importância para um dos trabalhos avaliativos – que será um trabalho sobre os três campos se utilizando daquelas três folhas que eu terei guardado comigo, fazendo comparações e relacionando com algum dos temas trabalhados em aula (invisibilidade dos monumentos, que histórias as cidades nos contam, problemas dos monumentos, manutenção do patrimônio, etc). O mais importante neste trabalho é avaliar a capacidade de observação e sistematização daquilo que foi realizado em campo – acredito que um debate sobre diversos aspectos dos monumentos pode acrescentar naquelas pessoas que tem maior dificuldade com a matéria.

Na AULA 13, além de explicar os dois trabalhos que precisam ser entregues, a aula será expositiva e apresentará quais formas a sociedade civil já se organizou para que os monumentos tivessem maior visibilidade. Nesta aula falarei sobre o Guia Negro, que vem desenvolvendo trabalho brilhante de turismo no centro de São Paulo, e separarei algumas intervenções recentes em monumentos espalhados pelo mundo para que os alunos tenham conhecimento do que há de novo neste debate. A pergunta da aula é: O que fazer para os monumentos serem mais visíveis e as diferentes narrativas no espaço também?

O último trabalho a ser entregue vai ser feito em grupos de quatro estudantes, em que eles precisarão elaborar um “projeto” de intervenção na cidade. Este projeto precisa ter até duas páginas e ser apresentado em sala de aula pelo grupo. O projeto pode ser um dos dois:

1. A construção de um novo monumento na cidade (indicando onde, quem faria o monumento, qual matéria seria utilizada, quem está sendo representado, o tamanho do monumento, porque ele seria importante, etc.)
2. A intervenção em algum monumento que já existe (indicando onde seria feita, qual é o objetivo da intervenção, se seria uma intervenção legal ou ilegal, etc)

Na AULA 14 os estudantes começariam a apresentar suas ideias de intervenção na cidade, seja a construção de um novo monumento ou a intervenção em algum que já existe para a turma toda. Levantaria alguns questionamentos ao longo das apresentações para avaliar se a ideia foi bem consolidada.

Na AULA 15, que é a final do curso, a minha ideia é que a gente primeiro converse sobre as propostas que foram elaboradas pelos estudantes e depois a gente vote e discuta coletivamente qual seria a intervenção aprovada pela sala, para que haja o fortalecimento de uma reivindicação da comunidade daqueles estudantes – não de competição. Além disso, a aula de fechamento tem como principal objetivo uma conversa franca com os estudantes sobre o curso.

4.4 Organização em Tabela das aulas

AULA	MÉTODO	OBJETIVOS	COMPETÊNCIA BNCC	HABILIDADE BNCC
AULA 1	Coleta de dados e debate	Discutir sobre a invisibilidade dos monumentos e quais são os símbolos da cidade	Competência 1 Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
AULA 2	Debate e aula expositiva	Discutir a importância dos monumentos e quais são as representações que estão no espaço público	Competência 1 Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de	EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

			vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	
AULA 3	Aula expositiva	Apresentar a atualidade do debate com reportagens principalmente sobre intervenções recentes		
AULA 4	Filme	Difusão da história da luta de Luiz Gama para os estudantes e da importância de perceber as narrativas históricas que o espaço agrega.	Competência 5 Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos
AULA 5	Questionário	Indagar os alunos sobre o conhecimento deles a respeito de Luiz Gama e demonstrar a relevância de sua estátua.	Competência 6 Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência	EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das

				Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na
AULA 6	Aula expositiva + debate	Relacionar o processo da construção da estátua de Luiz Gama com a de Vladimir Herzog, e a participação de parcela da sociedade. Problematicar a ausência de monumentos que abordem a ditadura militar.	Competência 6 Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência	EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as
AULA 7	Apresentação de mapas do Centro da cidade	Relacionar a ideia de "progresso" e modernidade do Século XIX com ideias racistas e de segregação espacial.	Competência 5 Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos
AULA 8	Preparação para o campo	Explicar como serão as atividades do campo e o que será cobrado depois de cada saída.		

AULA 9	Trabalho de Campo: Luiz Gama	Estimular a observação e o olhar geográfico dos estudantes		
AULA 10	Trabalho de Campo: Vladimir Herzog	Estimular a observação e o olhar geográfico dos estudantes		
AULA 11	Trabalho de Campo: Zumbi dos Palmares e Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Estimular a observação e o olhar geográfico dos estudantes		
AULA 12	Sistematização do trabalho de campo	Fazer comparações entre as estátuas, discutir sobre cada uma delas com a participação dos estudantes e daquilo que eles anotaram nas saídas.	Competência 5 Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos
AULA 13	Aula expositiva	Apresentar outras iniciativas que são feitas na cidade para que as histórias não sejam apagadas; explicar o trabalho final		

AULA 14	Apresentação dos projetos	Desenvolver a capacidade dos estudantes em discutir e formular suas ideias e apresentar para a turma	Competência 6 Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência	
AULA 15	Discussão	Desenvolver a capacidade argumentativa dos estudantes e sua coletividade, pensando em qual seria a intervenção aprovada pela sala.	Competência 6 Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência	

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração é que há relevância do estudo dos monumentos da cidade de São Paulo para àqueles que vivem nesta cidade. Tanto na Base Nacional Comum Curricular, quanto na conjuntura política do nosso país, o tema do patrimônio se faz necessário e permite com que se compreenda o espaço de uma maneira profunda. Ademais, o tema dos monumentos permite a reflexão crítica sobre os símbolos da nossa cidade e porque uns são mais visíveis do que outros.

A segunda consideração é que pelos monumentos é possível ter reflexões aprofundadas sobre as lutas por liberdade que foram travadas na história do Brasil. O estudo dos monumentos contribui para sua visibilidade, como também a visibilidade das lutas e das narrativas históricas omitidas.

Por fim este trabalho buscou, a partir do exercício de construir um curso geográfico sobre os monumentos Luiz Gama, Vladimir Herzog e Zumbi dos Palmares, debater as possibilidades da aplicação da pesquisa de iniciação

científica “Monumentos Paulistanos: a disputa pela narrativa histórica no espaço público” na escola.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 30 jan. 2024.

BRASIL DE FATO. **Praça Vladimir Herzog recebe escultura em comemoração ao Dia do Jornalista**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/07/praca-vladimir-herzog-recebe-escultura-em-comemoracao-ao-dia-do-jornalista>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.UNESP, 2001.

DANUSA, M. **Distrito República em Ruas: Largo do Paissandu**. Disponível em: <https://distritorepublica.blogspot.com/2011/10/largo-do-paissandu.html>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

DESCUBRA SAMPA. **Escultura Vlado Vitorioso**. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2018/07/escultura-vlado-vitorioso.html>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. **A aurora de um grande feito: a herma a Luiz Gama**. Porto Alegre: Revista do Programa de Pós Graduação em História. UFRGS, 2016.

DOUTOR GAMA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doutor_Gama. Acesso em: 6 mar. 2024.

ESCOLA DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO “PAULO RENATO COSTA SOUZA” (EFAPE). **Habilidades essenciais de Geografia no Ensino Médio**. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista>>. Acesso em 6 mar. 2024.

ESTADO DE SÃO PAULO. **5 lugares para repensar SP por meio da história negra**. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/sao-paulo/2023/06/25/5-lugares-para-repensar-sp-por-meio-da-historia-negra/>>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ESTADO DE SÃO PAULO. **São Paulo tem 24 estátuas femininas; Mãe Preta é a única mulher negra.** Disponível em: <<https://expresso.estadao.com.br/naperifa/sao-paulo-tem-24-estatuas-femininas-mae-preta-e-a-unica-mulher-negra/>>. Acesso em: 6 mar. 2024.

FERRARI, E. **Ocupação-Monumento: uma outra memória para São Paulo hoje.** Revista ARA, [S. l.], v. 12, n. 12, p. 175-208, 2022. DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v12i12p175-208. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaara/article/view/198495>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo.** São Paulo: Ed FAPESP – SESC, 1997.

G1. **Manifestantes jogam tinta e picham o Monumento às Bandeiras.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/10/manifestantes-jogam-tinta-vermelha-no-monumento-bandeiras.html> Acesso 5 fev. 2024.

GUIA NEGRO. **“Vozes contra o racismo” ocupa monumentos de São Paulo.** Disponível em: <https://guianegro.com.br/vozes-contrao-racismo-ocupa-monumentos-de-sao-paulo/> Acesso 5 fev. 2024.

INSTITUTO PÓLIS. **A presença negra nos espaços públicos de São Paulo.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/presencanegra/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

INSTITUTO PÓLIS. **Patrimônio, memória e cidade: um olhar antirracista sobre os monumentos da cidade de São Paulo.** São Paulo, 2023. Disponível em: <https://polis.org.br/publicacoes/patrimonio-memoria-diversidade/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

MATOS, Odilon Nogueira de. **São Paulo no século XIX.** In: AZEVEDO, Aroldo De (Org.). A cidade de São Paulo – estudos da geografia urbana. Volume II: A evolução urbana. 1ª Ed. Companhia Editora Nacional São Paulo, 1954. p. 49-100.

MONA. **Ficha de referência cultural – Estátua Luiz Gama.** Disponível em: <https://www.arouchianos.com.br/RefsCulturais/projeto_18.html>. Acesso em: 6 fev. 2024.

MORAES, Amanda de Lima. **Memórias da população negra no Estado de São Paulo: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1725 – 1904)**. Tese (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2017.

NASCIMENTO, Débora do. **O Prefeito Antônio Prado e a população negra da cidade de São Paulo (1899 - 1911)**. XVIII ENANPUR, 2019. NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 16 abr. 2023.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Dia da Consciência Negra terá lavagem da estátua de Zumbi em SP**. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/dia-da-consciencia-negra-tera-lavagem-da-estatuade-zumbi-em-sp/>. Acesso em: 6 fev. 2024.

PETRONE, Pasquale. **São Paulo no século XX**. In: AZEVEDO, Aroldo De (Org.). A cidade de São Paulo – estudos da geografia urbana. Volume II: A evolução urbana. 1a Ed. Companhia Editora Nacional São Paulo, 1954. p. 100-165.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Prefeitura de São Paulo anuncia cinco novas estátuas de personalidades negras na cidade**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=30000>. Acesso 5 fev. 2024.

SOARES, Fabiana Pegoraro. **Ordem ambiental internacional e educação ambiental: ODS e BNCC de Geografia – ensino fundamental, anos finais**. 2022. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/T.8.2022.tde-24022023-133016. Acesso em: 30.01.2024.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução Sebastião Nascimento. Curitiba: Editora Huya, 2016.

WEINSTEIN, Barbara. **A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista.** Tradução Ana Maria Fiorini. São Paulo: Ed.USP, 2022.